

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA NA MODALIDADE
A DISTÂNCIA

TÂNEA MENGUE SCHWANCK

INCLUSÃO E SURDEZ NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Três Cachoeiras

2010

TÂNEA MENGUE SCHWANCK

INCLUSÃO E SURDEZ NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS.

Orientadora:

Profa. Dra. Ivany Souza Ávila

Co-orientadora:

Profa. Me. Márcia Caetano

Três Cachoeiras

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Dedico este trabalho ao meu
marido Joel, à minha mãe, meu pai
e às minhas duas irmãs.

AGRADECIMENTOS

A realização e conclusão deste trabalho não foi tarefa fácil, mas foi possível pela colaboração de algumas pessoas, por isso presto meus agradecimentos, em especial,

Ao meu marido Joel, que apesar das tantas tarefas que tinha, dedicando menos tempo a ele do que desejaríamos, sempre me compreendeu e deu força para continuar;

À minha mãe Maria, que sempre tinha uma palavra de ânimo nos momentos mais difíceis;

Às minha duas irmãs, Tamara e Andreia, que sempre me ajudaram, com palavras e atitudes amigas.

Às colegas professoras, direção e funcionárias da escola Abelhinha, onde realizei o estágio e onde trabalho.

E principalmente, agradeço a Deus por ter me dado a vida e chance de ter concluído este trabalho e este curso.

Obrigado à todos!

“Não compreendem que os surdos não tem vontade de ouvir. Querem que sejam semelhantes a eles, com os mesmos desejos, logo, com as mesmas frustrações, querem preencher uma carência que não temos. Escutar... Não podemos ter vontade de coisas que desconhecemos.”

(Laborit)

RESUMO

A inclusão na educação infantil é o assunto abordado neste trabalho. A surdez diz respeito ao fato de a pessoa não ouvir. Um dos maiores problemas neste caso é a comunicação, mas esta pode ser realizada de diversas outras maneiras, incluindo a língua de sinais. A partir do trabalho com uma turma de alunos de maternal, na qual um aluno é surdo, é fundamental pensar sobre a aprendizagem da turma como um todo. Com a observação da interação entre os alunos e a demonstração de aprendizagem por meio das atitudes e realização das tarefas propostas pretendeu-se verificar as vantagens e desvantagens da inclusão de um aluno surdo numa turma de ouvintes, na educação infantil. Analisar as atitudes e aprendizagens dos alunos ouvintes e do aluno surdo levando em consideração os estudos das pesquisadoras Ana Paula Santana e Isabel Parolin se constitui no foco principal deste trabalho, que pautou-se pela questão “Como a inclusão de um aluno surdo na educação infantil pode contribuir para a aprendizagem da turma como um todo?”. Para responder a esta questão foi necessário verificar como os alunos estavam aprendendo. A pesquisa aqui descrita foi realizada a partir de leituras e observações feitas em sala de aula e registros escritos e imagens das atitudes e aprendizagens dos alunos, focalizando principalmente na contribuição da interação entre os alunos para a aprendizagem da turma como um todo. A interação entre as pessoas possibilita o contato com o antes desconhecido, ou mesmo, a aceitação de outro ponto de vista antes não percebido. A educação escolar deve utilizar as diferenças para proporcionar aprendizagens. De acordo com Parolin (2010), promover a inclusão e a aprendizagem, não é simplesmente colocar o aluno numa turma regular de ensino, mas utilizar as diferenças para ensinar. Como a maioria dos surdos não fala, são considerados pelos leigos e por muitos professores ainda, como mudos. Escolher o melhor caminho a ser seguido não é fácil, pois mesmo com tantos estudos e informações acerca da surdez e diferentes formas de comunicação, ainda há divergências em relação à forma de comunicação mais eficiente e que atenda melhor as necessidades das pessoas surdas. Os ouvintes envolvidos com os surdos têm opiniões diferentes, e mesmo os surdos, nem todos compartilham a mesma opinião em relação à melhor forma de comunicação. Aprendizagem é o que a escola deve possibilitar aos alunos, tenham eles ou não necessidades educacionais especiais. É necessário que a escola faça os devidos ajustes para ensinar a todas as crianças. Cada ser humano é diferente. Ensinar para que todos aprendam deve ser a meta de todas as escolas. A inclusão deste aluno na educação infantil está sendo positiva, pois tanto os alunos ouvintes como o surdo estão aprendendo juntos. Foi possível perceber, ao longo do período de observação, que o aluno surdo em questão neste trabalho, mostrou-se muito perceptivo visualmente e atento aos acontecimentos à sua volta. Ainda assim, vemos que é necessário melhor aperfeiçoamento da escola para ensinar mais e melhor.

Palavras-chave: inclusão escolar 1 – surdez 2 – interação 3 – aprendizagem 4.

ABSTRACT

Inclusion in early childhood education is the subject of this work. The hearing relates to the fact that the person does not listen. One of the biggest problems here is communication, but this can be accomplished in several other ways, including sign language. From the work with a group of students from kindergarten, in which a student is deaf, it is imperative to think about learning the class as a whole. With the observation of the interaction between students and demonstration of learning through the attitudes and achievement of the tasks proposed revisions are intended to verify the advantages and disadvantages of including a deaf student in a class of listeners at the kindergarten. To assess attitudes and students' learning of deaf students and listeners taking into account the studies of researchers and Ana Isabel Santana Parolin constitutes the main focus of this work, which was guided by the question "How does adding a deaf student in kindergarten can contribute to learning in the class as a whole? ". To answer this question was necessary to determine how students were learning. The research described here was done from readings and observations in the classroom and written records and pictures of the attitudes and student learning, focusing primarily on the contribution of interaction among students for learning the class as a whole. The interaction between people enables contact with the previously unknown, or even to accept a different point of view not previously noticed. School education should be used to provide learning differences. According to Parolin (2010), promote inclusion and learning, not simply place the student in a regular classroom teaching, but used to teach the differences. Like most deaf people do not talk, are considered by many teachers and lay still as dumb. Choose the best way forward is not easy, because even with so many studies and information about deafness and different forms of communication, there are still differences over how to communicate more efficiently and better meet the needs of deaf people. The listeners involved with deaf people have different opinions, and even the deaf, not everyone shares the same opinion regarding the best form of communication. Learning is what schools should provide students, whether or not they have special educational needs. It is necessary that the school make adjustments to teach all children. Every human being is different. Teach for everyone to learn should be the goal of all schools. The inclusion of students in early childhood education is positive, because both the deaf and hearing students are learning together. It was possible to see over the observation period, the deaf student in question in this work, was very visually perceptive and attentive to the events around them. Still, we see that it is necessary to better improve the school to teach more and better.

Keywords: inclusion 1 – deafness 2 – interaction 3 – learning 4.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 ENTENDENDO MELHOR A INCLUSÃO	12
3 SURDEZ E LINGUAGEM	18
4 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	23
5 RELATO DA EXPERIÊNCIA.....	24
5.1 ATIVIDADE DOS OBJETOS DE HIGIENE NO SACO	26
5.2 CIRCUITO COM CADEIRAS NA SALA DE AULA	26
5.3 ESTUDANDO AS CARACTERÍSTICAS DAS FRUTAS	27
5.4 RECONHECENDO O PRÓPRIO NOME	28
5.5 RECONHECENDO AS FRUTAS PELO TATO	28
5.6 DIA DO BRINQUEDO	28
5.7 A INCLUSÃO NESTA SALA DE AULA	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

A inclusão escolar é um assunto muito discutido atualmente, não apenas nas escolas, mas na sociedade como um todo. As opiniões a respeito de como deve ser realizada a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais são diversas, pois também diversos são os modos de pensamentos e concepções de mundo de cada cidadão envolvido no processo.

Os alunos que necessitam de educação especializada devido a alguma limitação, seja física ou cognitiva, devem estar na escola regular, e esta precisa estar preparada para atender às necessidades dos alunos, de todos. As opiniões dos profissionais da educação em relação à inclusão escolar divergem muito ainda, bem como a melhor forma de proporcionar que a criança aprenda também se constitui num debate consistente entre os pais. Não temos uma receita pronta, o certo é que toda criança deve ir para a escola “aprender”.

A surdez diz respeito ao fato de a pessoa não ouvir. Um dos maiores problemas neste caso é a comunicação, mas esta pode ser realizada de diversas outras maneiras, incluindo a língua de sinais.

A partir do trabalho com uma turma de alunos de maternal, na qual um aluno é surdo, acredito que é fundamental pensar sobre a aprendizagem da turma como um todo. O aluno surdo possui uma limitação na comunicação, mas há inúmeras possibilidades de comunicação que estão sendo experimentadas por ele e por seus colegas no dia a dia. A comunicação é essencial na convivência entre as pessoas. Na turma em que trabalho a comunicação está sendo entendida pelos alunos de uma forma mais ampla, pois os ouvintes já entenderam que se faz necessária a língua de sinais para a comunicação com o colega que é surdo, e acredito que estão aprendendo muito com as diferenças. A interação com as diferenças proporciona aos alunos maior aprendizagem e desenvolvimento da capacidade cognitiva e intelectual.

A inserção de todas as pessoas na sociedade como agentes participantes e ativos é a inclusão que queremos, e esta já está acontecendo na sala de aula, mas é importante pensarmos sobre a aprendizagem de todos os alunos envolvidos.

A partir da observação da interação entre os alunos e da demonstração de aprendizagem por meio das atitudes e realização das tarefas propostas pretendo

verificar as vantagens e desvantagens da inclusão de um aluno surdo em uma turma de ouvintes, na educação infantil.

Analisar as atitudes e aprendizagens dos alunos ouvintes e do aluno surdo levando em consideração os estudos das pesquisadoras Ana Paula Santana e Isabel Parolin se constitui no foco principal deste trabalho, que pautou-se pela questão “Como a inclusão de um aluno surdo na educação infantil contribui para a aprendizagem da turma como um todo?”.

Para responder a esta questão será necessário verificar como os alunos estão aprendendo a partir da inclusão de um aluno surdo numa turma de ouvintes. Também é importante entender como o aluno surdo aprende. Perceber a aprendizagem dos alunos ouvintes e do aluno surdo a partir da interação entre eles é outro objetivo deste trabalho.

A pesquisa aqui descrita foi realizada a partir de leituras e observações feitas em sala de aula e registros escritos e imagens das atitudes e aprendizagens dos alunos, focalizando principalmente na contribuição da interação entre os alunos para a aprendizagem da turma como um todo.

No capítulo um apresento a introdução do trabalho. No capítulo dois faço uma exposição geral sobre a inclusão. No capítulo três, trago considerações acerca das concepções de surdez. No quarto capítulo trago a metodologia de pesquisa. No quinto capítulo apresento algumas evidências da aprendizagem e interação dos alunos em sala de aula. No sexto capítulo apresento as considerações finais sobre a experiência vivenciada em sala de aula, a partir da interação entre o aluno surdo e os ouvintes.

2 ENTENDENDO MELHOR A INCLUSÃO

Os seres vivos são competitivos por natureza. Pelo menos é o que se acreditava até bem pouco tempo atrás. Segundo a teoria da evolução de Darwin, os mais fortes sobrevivem. Biologicamente os seres vivos mais fracos não conseguem superar adversidades que existem na natureza. A seleção natural não acontece da mesma forma com os humanos, pois cuidamos uns dos outros. Muitas pessoas ainda acreditam que o mundo evoluiu até chegar ao ponto em que se encontra hoje devido à competitividade e à vitória do mais forte, do mais apto a sobreviver em determinados ambientes e que deixasse maior número de descendentes. Atualmente, de acordo com a nova biologia, segundo Capra (1996) em seu livro “A teia da vida”, a vida evoluiu ao ponto que está hoje muito mais pela cooperação do que pela competição.

Durante muito tempo as pessoas portadoras de algum tipo de deficiência foram excluídas do convívio social. As famílias tinham vergonha de apresentar à sociedade um filho que apresentasse algum “defeito” e por isso, escondiam em casa as pessoas com deficiências. Essa realidade vem mudando muito. As famílias que possuem uma pessoa com necessidades educacionais especiais em seu seio estão buscando cada vez mais meios para possibilitar uma vida mais confortável e feliz para essa pessoa. As escolas de educação especial foram os ambientes mais propícios para o desenvolvimento destas pessoas, mas atualmente estão ultrapassadas, pois uma boa parcela da população percebeu que é necessário também a participação destas pessoas na sociedade.

Durante algum tempo as crianças e adolescentes que apresentavam necessidades educacionais especiais iam para a escola de educação especial, mas não exerciam um papel definido na sociedade. Atualmente o que se quer em relação à inclusão escolar é também uma inclusão social. Há leis que contribuem para a inserção de pessoas portadoras de deficiências na sociedade, mas todas as pessoas que fazem parte da sociedade precisam aceitar e cooperar para uma convivência mais saudável entre todos os membros da sociedade.

Muitos professores, senão a maioria, ainda gostariam de ter uma turma de alunos que aprendessem da mesma forma, turmas de alunos homogêneas, mas

sabemos que as pessoas são diferentes, muitos estudiosos dizem isso, assim como afirma Parolin (2010, p.21),

É de consenso inquestionável, que somos diferentes em nossa constituição orgânica, socioafetiva, cultural e econômica. Já sabemos que a geografia e a história de um povo, e suas interrelações, interferem no *modus vivendi* dessas mesmas pessoas. Contudo, num paradoxo inexplicável, tentamos reunir todas essas diferenças e diferentes numa sala de aula planejada para iguais. Ainda temos a expectativa que determinada prova, ou exercício, avalie, de forma adequada, toda essa diversidade.

Turmas homogêneas - isso não existe. Cada vez mais as pessoas estão expondo suas particularidades que, antes, talvez, apenas deixassem adormecidas, principalmente pelo alto grau de autoritarismo existente na organização escolar e também na sociedade – hoje as pessoas são estimuladas a exporem seus pontos de vista, o que evidencia as diferenças entre as pessoas.

Lutar contra a maré não faz muito sentido, pois nos cansamos e não conseguimos atingir o objetivo que é sair do lugar. Da mesma forma com a educação, não podemos contrariar o que é natural, mas devemos utilizar essas diferenças em favor da aprendizagem. A interação entre as pessoas possibilita o contato com o antes desconhecido, ou mesmo a aceitação de outro ponto de vista antes não percebido. A educação escolar deve utilizar as diferenças para proporcionar aprendizagens, e não ficar querendo que as crianças sejam iguais. Não é tarefa fácil mediar a aprendizagem, nem temos receitas prontas, mas é necessário aceitação e força de vontade, bem como o comprometimento das partes envolvidas.

A escola autoritária não tem mais espaço nos dias de hoje – é necessário que as escolas ensinem seus alunos realmente, não apenas fazendo-os obedecer e seguir receitas de aprendizagens – é necessário dar oportunidade aos alunos para aprenderem e criarem novos conhecimentos – desenvolvendo o pensamento crítico, a inteligência e a criatividade. Isabel Parolin (2010) escreveu que a escola sempre reuniu desiguais, mas não queria ver, ignorando as diferenças e sendo autoritária. Ela também afirma que a escola deve se preparar devidamente e criteriosamente, pois sofrerá pressões de indivíduos da sociedade querendo corromper o importante papel social da escola, visto que algumas famílias querem a aprovação pela aprovação, independentemente das aprendizagens da criança.

O que se considerava mais importante para aprender até pouco tempo não é o foco principal atualmente, pois as pessoas estão percebendo que as relações sociais valem mais que determinados conhecimentos, visto que a convivência em

sociedade determinada a qualidade de vida das pessoas. Como disse Parolin (2010), a escola é um espaço coletivo, devendo atender à individualidades de todos e quando não o faz, corre o risco de “*não cumprir com seu papel social de instrumentalizar o aprendiz para a necessária inserção social*”. Esta mesma autora afirma,

Inclusão é tema controverso na comunidade educativa. É pensamento óbvio se pensarmos em aprendizagens como um processo em que o aprendiz se constrói e se desenvolve a medida que se relaciona com o conhecimento e com os conhecedores. Aprender é colocar em jogo o ser humano em todas as suas dimensões, e sob esse olhar, mediar processos de aprendizagem é sempre promover inclusão. (Parolin, 2010, p. 23)

Promover a inclusão e aprendizagem, não simplesmente colocar o aluno numa turma regular de ensino, mas utilizar as diferenças para ensinar. Conviver com os diferentes nos ensina a aceitar nossas particularidades, vendo nos outros características que nos agradam e outras nem tanto, mas sobretudo, aprendendo com essas diferenças.

A inclusão deve promover a aprendizagem a partir da interação, da convivência com as diferenças, onde uns aprendem com os outros, com humildade e solidariedade, não de uma forma competitiva onde se dá mais importância para quem sabe mais. Todos são igualmente importantes, cada um com as suas qualidades. Parolin (2010) também afirma que muitas práticas inclusivas não ofertam os instrumentos essenciais para o exercício da cidadania, excluindo mais do que incluindo, segregando ainda mais.

A verdadeira face da inclusão ainda está sendo incompreendida por muitos segmentos da sociedade e também por um grande número de professores, visto que muitos ainda sonham com turmas “perfeitas”, onde o ensinar seja uma tarefa “fácil” e sem grandes surpresas. O diferente sempre causa insegurança, mas é necessário buscar caminhos para lidar com as dificuldades que surgirem, pois é mais importante a vontade de acertar tentando do que o medo de errar e terminar não fazendo coisa alguma. Parolin (2010, p. 25) diz, “*Diante da escola para Todos, a sociedade teve de reaprender sobre participação, integração, inclusão, convivência e ainda, repensar sobre inclusão social e atitude cidadã.*” No início podemos ter dificuldades, sempre que vamos aprender algo novo passamos por situações que põem à prova nosso conhecimento, e no início é normal errarmos – o que importa é usar o que

aprendemos com cada erro para construir aprendizagens mais significativas: só aprende a levantar quem cai.

Baptista (2006) reflete sobre os quereres e as possibilidades da inclusão escolar. Nem sempre podemos fazer o que queremos, ou o que seria o ideal. Ele lembra que a legislação trouxe grande avanço com o que determina a resolução 02/2001 CEB/CNE: *“o país assume a diretriz de inclusão escolar no ensino comum como perspectiva preferencial para o atendimento dos sujeitos ‘da educação especial’”*. Ele afirma que é necessário *“assumir o olhar crítico dirigido aos nossos mitos e aos nossos quereres”*. O autor ainda considera que a educação, sendo para todos, deve cumprir seu papel, mas ainda encontramos muitos obstáculos,

[...] penso que podemos retornar à Declaração de Salamanca: ‘toda criança tem direito fundamental à educação (...) toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas’. É inevitável que, ao ler essas indicações, pensemos entre a distância existente entre tais palavras e a realidade educacional de muitos países. Essa distância é um dos elementos justificadores da Conferência mundial que produziu a própria Declaração. (Baptista, 2006, p. 29)

Pensar que devemos promover a educação para todos e que as condições para isso nem sempre são as mais favoráveis causa insegurança nos profissionais da educação. É necessário buscar novos caminhos para a escola verdadeiramente inclusiva. O apoio do governo é fundamental, bem como o comprometimento da escola e da família.

A constituição nacional visa defender o direito de todos à educação, bem como nos lembra Parolin (2010, p. 25),

A democratização da escola, agora expressa em forma de lei, reza que todas as pessoas devam freqüentar escola regular, que sejam portadores de necessidades especiais, deficiências físicas, mentais, auditivas, visuais, deficiências combinadas, com síndromes ou até mesmo, os que tem condições socioeconômicas diferenciadas.

A realidade educacional, em dissonância com os encaminhamentos legais, acabou gerando situações de desencontro e descontentamento. A aceitação da diversidade e a competência para trabalhar as diferenças tem acontecido concomitante à prática inclusiva nas escolas. Prática essa, nem sempre respaldada pela reflexão avaliativa e pelo conhecimento libertador. A experiência tem gerado os conhecimentos e, muitas vezes, a muito custo para o aluno e seus familiares, assim como para os professores. Ainda se ouve professores queixando-se que se formaram para trabalhar com a homogeneidade e que não tem instrumentos para mudar suas orientações em sala de aula. A queixa que imobiliza ainda é mais forte que o movimento de buscar novas práticas e outros conhecimentos mais pertinentes.

O que estes estudiosos do assunto afirmam é o que muitas pessoas temem. Aceitar e existência das diferenças é o primeiro passo para a mudança no sistema de educação. A educação inclusiva requer, além da aceitação, a busca por novas maneiras de ensinar, e ensinar a todos. Para ensinar a todos é necessário humildade para assumir que não sabemos o suficiente, que nunca saberemos tudo.

Até pouco tempo as pessoas se contentavam em passar de ano e ter um diploma. Cada vez mais o que importa são as habilidades, a capacidade que as pessoas possuem para resolver situações que ocorrem no dia-a-dia, para viver em sociedade e desenvolver um papel profissional. A escola existe para promover aprendizagens, não para passar ou não de ano.

Há muito tempo que já se fala que é necessário preparação por parte das escolas e professores para receber alunos com necessidades educacionais especiais e que, querendo ou não, a inclusão acontecerá e é melhor estarmos preparados. Há vários anos que ouvimos palestras sobre inclusão e preparação das escolas para receber esses alunos, mas na prática pouco mudou. Nós sabemos que é necessário formação adequada, fazemos cursos, debatemos o assunto, pensamos em alternativas para ensinar os alunos que temos e que estão tendo pouco retorno em relação ao processo ensino e aprendizagem, pelo menos da forma como esperamos que os alunos aprendam. A verdade é que a teoria parece andar separadamente da prática, pois sabemos que é necessário mudar, mas não sabemos como e a mudança vai ficando para o momento da necessidade. Sabemos que toda grande mudança é lenta, mas parece que a escola vai caminhando cada vez mais devagar para o sucesso da aprendizagem – não sei até que ponto a inclusão que já está acontecendo atualmente está sendo mais benéfica ou prejudicando o desenvolvimento intelectual dos alunos.

O grupo em que está inserida cada criança influencia no processo de aprendizagens delas, pois as relações e interações existentes a partir da convivência, que articulam as ações e processos tornam as aprendizagens mais significativas. Quando uma parte do grupo, ou mesmo um indivíduo é eliminado causa desestabilidade no todo, pois a identidade como grupo é afetada e, conseqüentemente, prejudicada. A afirmação como pessoa integrante num grupo gera segurança para os indivíduos, que mutuamente se fortalecem.

A escola precisa se adaptar às necessidades dos alunos, adequando-se à eles, e não o contrário como muitos ainda afirmam: “A criança não aprendeu, porque não se adaptou à escola”.

Cada instituição de ensino precisa tomar certas medidas para incluir o aluno, como Parolin (2010, p.36) indica,

[...] ouvir os profissionais que tem contato com a criança; observar a criança em sala de aula e no pátio; desenvolver alguns trabalhos com ela em particular, para comparar e avaliar o desempenho; descobrir suas habilidades e seus limites; conversar com os pais ou quem cuide dela e contratar o trabalho, responsabilizando as partes; reconstruir a história familiar, escolar e clínica para entender o funcionamento da criança; acompanhar a professora, observando a sua forma de mediar as aprendizagens da criança e buscando colaborar com sugestões; chamar os profissionais de apoio, caso existam, ou pedir ajuda, caso necessário; traçar metas e objetivos a curto prazo e avaliar cada etapa; promover reuniões, na escola, em que estejam presentes os pais, os professores e os profissionais de apoio, para traçarem metas educativas e avaliarem o trabalho já desenvolvido.

Como afirma a autora, para incluir é necessário um trabalho conjunto, em que todos os envolvidos no processo contribuam para a aprendizagem,

A inclusão escolar caminha nas bordas tênues das relações humanas. Transita entre o sentimento profundo e verdadeiro de aceitação e de promoção de justiça social; e a tolerância, que muitas vezes esconde um sentimento de arrogância, de superioridade, ou ainda, a ilusão de que se está sendo bonzinho...Não podemos nos calar, fingir que não é conosco. (Parolin, 2010, p. 87)

Ela finaliza seu livro falando sobre a perseverança necessária para que a educação inclusiva realmente aconteça. Não podemos desistir. E como a mesma autora afirma “*Toda existência é digna e rara*” (Parolin, 2010, p. 87).

3 SURDEZ E LINGUAGEM

Por definição, surda é a pessoa incapacitada de ouvir. Pelo fato de a pessoa não perceber os sinais sonoros, ou no caso daquelas pessoas que possuem apenas parte da audição não identificarem os diferentes sons da fala, geralmente os surdos não falam. Como a maioria dos surdos não fala, são considerados pelos leigos e por muitos professores ainda, como mudos. Os surdos podem aprender a oralizar a fala de muitas palavras com treinamento fonoaudiólogo. Surdo não é mudo, pois é capaz de emitir sons.

Definir qual é a forma mais eficiente de comunicação com as pessoas surdas, entre elas e com os ouvintes não é tarefa simples, pois as opiniões divergem muito. Uma professora surda relatou o seguinte,

Não há ainda uma forma homogênea de educação para o surdo e isso é até normal, pois, enquanto alguns preferem a comunicação total, outros, o bilingüismo, outros, a língua de sinais, outros, o português sinalizado e, ainda outros, a língua oral. Assim, percebe-se que nem os surdos conseguem saber qual seria o melhor caminho a ser adotado. Porém, sem dúvida, o caminho mais importante é dar a eles meios de comunicação seguros. Relato escrito de Dalva, professora surda. (Santana, 2007, p. 21)

Escolher o melhor caminho a ser seguido não é fácil, pois mesmo com tantos estudos e informações acerca da surdez e diferentes formas de comunicação, ainda há divergências em relação à forma de comunicação mais eficiente e que atenda melhor as necessidades das pessoas surdas. Os ouvintes envolvidos com os surdos têm opiniões diferentes e, mesmo os surdos, nem todos compartilham a mesma opinião em relação a melhor forma de comunicação.

Muitos estudiosos vem tentando resolver o problema da comunicação com os surdos. Cada um estudando e verificando formas eficientes de comunicação, que são percebidas de maneiras diferentes pelos ouvintes, mas que buscam uma solução mais eficiente, apoiando-se sempre na própria concepção de surdez. A surdez pode ser encarada de duas maneiras distintas pelos ouvintes: como deficiência ou como diferença. As duas maneiras de encarar a surdez refletem a concepção de surdez que as pessoas possuem. O que todos querem é possibilitar uma comunicação mais eficiente entre surdos e ouvintes. A comunicação mais eficiente e que reflète de forma mais clara o que os surdos querem comunicar, entre

eles, é a língua de sinais, desde que compartilhada pelo grupo, e que tenha regras suficientes para o bom entendimento de diferentes grupos, visando uma melhor integração destes grupos na sociedade. Santana (2007), afirma isso em seu livro,

Quando um pesquisador propõe determinadas abordagens para lidar com a surdez, não consegue ser imparcial, pois sua proposta sempre refletirá uma concepção própria de surdez. Tal concepção resulta do modo como cada estudioso encara a surdez, seja como deficiência, seja como diferença. Há uma espécie de competição, de disputa implícita ou explícita por fornecer a solução primordial para o problema da comunicação com os surdos. (Santana, 2007, p. 21)

E essa falta de consenso entre estudiosos e pessoas envolvidas com os surdos causa conflitos ideológicos. Cada qual querendo apresentar uma maneira mais eficiente de comunicação que inclua os surdos. Nesse jogo de interesses para ver quem consegue criar a “melhor receita”, a educação para surdos também fica, de certa forma, desamparada, pois seguirá a opinião de quem considera mais convincente.

A surdez pode ser considerada diferença ou patologia, dependendo das concepções de quem está considerando o assunto. Para a família de uma criança surda é muito difícil a aceitação desta limitação. Quando os familiares aceitam que a criança não pode ouvir, ainda resta escolher a melhor forma de comunicação a ser adotada. A forma de comunicação dependerá da concepção familiar de surdez, seja como diferença ou patologia.

Uma tendência dos pais é tentar solucionar o problema da surdez. Uma das opções é fazer um implante coclear, que nem sempre é possível. Quando o implante é considerado, também é necessário assumir os possíveis riscos e limitações pós implante. A pessoa implantada tem restrições quanto a atividades físicas, pois o implante, feito diretamente na cóclea, poderia sofrer deslocamento, causando sérios danos. Mesmo com o implante, a criança pode não ouvir perfeitamente e, neste caso, ainda precisará de outra forma de comunicação que não somente a oral. De acordo com Santana (2007), o implante seria algo parecido a um ouvido biônico, que estimula poucos nervos, não amplificando os sons, possibilitando ouvir apenas ruídos ambientais. Em suas palavras “*O implante mais sofisticado tem 24 canais, enquanto o ouvido tem 35 mil células nervosas, então, somente uma minúscula fração de células seria estimulada*” (Santana, 2007, p.27).

Na comunidade surda, o implante não é bem aceito pela maioria, sendo visto como mais uma tentativa fracassada de tornar o surdo, ouvinte. A principal justificativa para não aceitar o implante é que a criança não participaria nem da comunidade surda e nem do mundo dos ouvintes. O uso do implante implica cobranças em relação a falar bem, o que nem sempre pode ser correspondido.

De acordo com Santana (2007), antigamente o preconceito em relação aos surdos era mais forte. As pessoas surdas eram consideradas de menor valor social, por isso a busca por poder ouvir se estende até os dias de hoje. Os pais não querem que seus filhos sejam estigmatizados por lhes faltar uma característica tão importante que é a linguagem oral. A falta da linguagem oral também levava ao entendimento de falta de capacidades cognitivas. Hoje a linguagem oral ainda exclui os surdos do convívio social e profissional. A mesma autora ressalta que,

[...] fazer que a surdez passe de doença à diferença não é simples ponto de vista; para isso é necessário estabelecer novas normas, o que não é imediato, já que implica mudanças sociais decorrentes da alteração dos padrões ao longo da história. (Santana, 2007, p.32)

Essa mudança inicia com a mudança de terminologia de deficiente auditivo para surdo. Antes o termo deficiente auditivo levava ao entendimento de uma patologia incurável. Hoje o que se quer é que a surdez seja considerada uma diferença, de acordo com o que Santana (2007) nos diz, pois deficiente auditivo e surdo são termos muito marcados.

De acordo com Santana (2007), a língua de sinais legitima o surdo como “sujeito de linguagem”. Aceitar a língua de sinais como língua, com suas próprias regras, tem repercussões linguísticas, cognitivas e sociais. Também esclarece que a ideia de surdez como diferença trouxe também novos conceitos, como cultura surda, identidade surda e comunidade surda. Ainda de acordo com a mesma autora, o termo comunidade surda “baseia-se na imposição de traços que, supostamente, unem os indivíduos: língua, roupa, consumo e hábitos culturais.” Esta definição reproduz as divisões sociais, o que segrega ainda mais deficientes e diferentes. Ela escreveu ainda sobre essa busca por explicações e soluções, “*A adoção de termos como ‘cultura surda’, ‘identidade surda’, ‘comunidade surda’, ‘biculturalismo’ e ‘multiculturalismo’ expressa os conflitos e a busca por suas soluções.*” (p. 34)

Utilizando o termo diferença para incluir os surdos na comunidade de ouvintes se está autorizando também a identificação de tal diferença e lutando pela normalidade. Para definir diferenças é necessário comparações com os ouvintes.

Há os surdos que consideram a língua de sinais mais adequada para a comunicação, e mesmo assim utilizam a fala, mas não se consideram como deficientes, pois podem realizar todas as tarefas que os ouvintes, inclusive se comunicar. E há os surdos que gostariam de poder ouvir para se comunicar melhor, são estes que não aceitaram a própria condição de não ouvinte. Santana (2007, p. 38) escreveu que,

Como se observa, há pelo menos duas posições bem definidas no campo do estudo da surdez. Uma essencialmente médica e audiológica, que propõe alternativas para a surdez, e encontra respaldo entre os surdos; e outra, na qual encontramos as propostas educacionais que aderem a ideia de que a língua de sinais é a primeira ou “a” língua do surdo, a língua “natural”, também acolhida entre os surdos.

Percebemos que as opiniões acerca do que é melhor para a comunicação mais efetiva entre surdos e ouvintes continuarão com suas diferenças, pois os diferentes discursos refletem as variadas interpretações da realidade. Mesmo os surdos participando da sociedade ouvinte, sempre continuarão sendo diferentes, por isso necessitam tanto da identidade surda, para se afirmarem como pertencentes a um grupo determinado, tendo segurança nas relações com as pessoas. Quando a pessoa se sente parte integrante de um grupo, fica fortalecida para enfrentar as dificuldades.

A identidade surda depende da própria aceitação em ser surdo. A utilização da língua de sinais é a forma mais comum de aceitar a condição de surdez. Mas, segundo Santana (2010), “*A constituição da identidade do sujeito está relacionada às práticas discursivas – e não a uma língua determinada – e às diversas interações sociais no decorrer de sua vida*”(p.44), por isso, ela afirma que não devemos falar em identidade surda.

A cultura surda, segundo Santana (2007), “*pressupõe diferença entre surdos e ouvintes e postula uma ideia de realidade homogênea*” (p. 47), o que vem a confirmar a mesma postura em relação à identidade surda, que evidenciando as diferenças, os grupos se distanciam ainda mais. O distanciamento entre os grupos de surdos e ouvintes também é uma maneira de afirmação social, de pertencimento

a um grupo com características comuns, mais restrito. Santana (2007, p. 50) nos diz que,

O fato é que a delimitação de espaços específicos para os diferentes reedita uma representação da sociedade como incapaz de lidar com as diferenças, de conviver nos mesmo espaços. Há certa idealização do que é a cultura e mesmo a sociedade. Por isso, há segregação de espaços fechados para os surdos e 'simpatizantes'. Assim, tanto o discurso científico quanto o dos próprios surdos legitimam e reproduzem tal limitação de lidar com as diversidades.

Desta forma, é importante termos em mente que as diferenças existem e cada qual necessita de afirmação social, por isso, mesmo não querendo a exclusão, os próprios grupos de minorias acabam se distanciando dos demais. O que não podemos esquecer é que a comunicação deve existir entre os diferentes grupos, e que, individualmente, tanto surdos quanto ouvintes necessitam de uma maneira eficiente de se entenderem. O que é melhor para o grupo só será evidenciado à medida que a realidade for investigada e entendida, pois é a partir de determinada realidade que cada sujeito escolherá o grupo a que pertencer e como isso ocorrerá.

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Para a realização deste trabalho foi necessário, primeiramente, buscar embasamento teórico que pudesse responder aos questionamentos acerca de como uma turma de alunos pode aprender a partir da interação entre alunos ouvintes e um aluno surdo na educação infantil.

Os autores escolhidos para orientar teoricamente este trabalho foram Isabel Parolin, Cláudio Roberto Baptista e Ana Paula Santana, ambos estudiosos da temática e inclusão, sendo a última especificamente sobre surdez.

Foi realizado um estudo qualitativo a partir da reflexão sobre os dados construídos na experiência do estágio do Curso de Pedagogia, realizado no primeiro semestre deste ano e de observações realizadas no segundo semestre letivo. Os dados analisados foram os registros diários no pbworks do estágio. O estudo de caso possibilitou a análise mais profunda do aluno em questão.

5 RELATO DA EXPERIÊNCIA

O trabalho de inclusão a que se refere este texto foi realizado na Escola de Educação Infantil do Município de Três Cachoeiras. É a única escola municipal de educação infantil, atende aproximadamente cento e vinte crianças que tem entre três e seis anos. A turma do maternal, alunos de três anos e idade, na qual está incluído o aluno surdo, que aqui chamaremos de Lucas, foi alvo da experiência aqui relatada. O período de estágio ocorreu de abril a junho de 2010. Desde o início do ano, antes do início do estágio e, após concluído, continuei trabalhando com a mesma turma. É o quinto ano que trabalho com turma de alunos de três anos de idade, mas é o primeiro em que temos um aluno surdo.

A escola procurou se preparar para receber este aluno planejando ações e dando formação adequada à professora. Para que a inclusão ocorresse de forma satisfatória, buscamos alternativas para melhor ensinar e integrar o aluno na escola. O curso de formação foi realizado no verão deste mesmo ano, com duração de sessenta horas aula. Foi um curso básico de Libras, mas de grande valia para o trabalho com o aluno surdo.

A turma de alunos de maternal é composta por quatorze crianças de três e quatro anos, sendo treze ouvintes e um surdo. O aluno surdo apresentou as mesmas características de adaptação que os demais. No início os alunos não conhecem direito a professora e nem os colegas, e isso torna o tempo em que ficam na escola e o que o precede um tanto angustiante para cada criança. É necessário um certo tempo, que depende de cada criança, para que se adaptem à rotina da escola e sintam-se seguros. O aluno Lucas chorava no início, assim como os outros, mas aos poucos foi se acostumando ao ambiente e às pessoas, adaptando-se bem à escola. A interação entre as crianças, neste período de adaptação escolar é muito importante para adquirirem confiança, interação essa que, com o passar do tempo, vai solidificando a amizade e cumplicidade, o que possibilita o aprendizado cooperativo.

Geralmente as crianças resistem no início da vida escolar, até mesmo os adultos tem medo do novo, do desconhecido. No caso das crianças a sua alternativa para chamar atenção é chorar, e de acordo com as observações realizadas na escola, isso acontece até ela se sentir segura no ambiente e com as pessoas.

A diferença na forma de comunicação era evidente desde o início. Os coleguinhas perguntavam porque ele não falava, mas a maioria o aceitou muito bem. Alguns coleguinhas ficaram com medo dele, mas a maioria não teve problema, contribuindo para a boa adaptação dele na escola. O aluno Lucas é receptivo aos colegas, às brincadeiras, aos trabalhinhos e às ordens da professora, porém, no início, testava muito os limites que dávamos a ele, assim como seus colegas. É um menino muito perceptivo, entende as pessoas, mesmo sem utilização correta da Libras e sabe comunicar muito mais do que esperávamos.

A única atividade em que o aluno Lucas participava e ainda participa pouco é na hora da roda, muito importante para os demais, mas para ele não faz muito sentido, já que a roda é para conversa e cantos. Quando brincamos na roda ele participa demonstrando interesse e alegria. Por ter uma limitação de comunicação, considerada um problema pela maioria das pessoas, muitas vezes recebe mais regalias que os outros, e percebe isso, testando muitas vezes a paciência das professoras.

Os limites são muito importantes para a convivência em grupo. As pessoas devem saber o que podem e o que não podem fazer e devemos ensinar isso às crianças. Muitas vezes o aluno Lucas não foi tratado como os outros, tendo vantagens e não sendo tão exigido, tanto em casa como na escola, o que estamos tentando mudar, sendo que na escola essa mudança é mais fácil do que em casa.

A língua de sinais está sendo ensinada para o menino, visto que ele já se comunica por gestos desde muito tempo alguns devem ser modificados. A família dele está empenhada em aprender e ensinar libras para ele, mas não descarta a possibilidade de utilizar a língua oral também, justificando que com a possibilidade de comunicar-se oralmente poderia se virar melhor sozinho, quando estivesse em situação difícil. Ensinar Libras para uma criança é o mesmo que ensinar a falar, leva tempo e exige repetição.

Na medida em que o aluno Lucas vai ampliando o seu vocabulário em Libras, tento também ensinar um pouco para os colegas, já que a comunicação não pode ficar restrita ao aluno e à professora. A aprendizagem acontece a partir da interação, por isso é importante que os colegas comuniquem-se de forma eficiente com o aluno Lucas. Na turma, os alunos já tem uma cumplicidade incrível, eles se ajudam e defendem os colegas quando necessário, sendo que o aluno Lucas sempre atento,

costuma defender os colegas, o que, muitas vezes, também gera conflitos, assim como geraria se outro colega agisse da mesma forma.

Durante o período do estágio, foram descritas observações diárias em relação às atitudes e às aprendizagens dos alunos. O aluno Lucas participou de todas as atividades juntamente com os outros alunos, tanto que em algumas semanas não houve observações relativas à particularidades relacionadas a este aluno.

A seguir alguns relatos de observações realizadas durante o período de estágio.

5.1 Atividade dos objetos de higiene no saco

Foi realizada uma atividade no pátio da escola em que levei um saco de tecido vermelho com objetos de higiene. Fizemos uma rodinha no chão e chamei um aluno de cada vez para colocar a mão dentro do saco, pegar um objeto e sentir, apertar e descobrir o que era, sem olhar, apenas sentindo. Foi muito interessante, pois todos os alunos falaram sobre o objeto apenas sentindo-o, o aluno surdo ficou observando os outros e também quis participar, pegou um objeto e eu perguntei com sinais para que servia aquilo e ele fez o gesto de escovar os dentes (era uma escova dental). Todos os alunos participaram atentos e falaram o que era o objeto e para que servia. Entende-se a fala aqui como a comunicação também expressa por sinais, pois é a maneira como os alunos estão conseguindo se comunicar. A língua de sinais é muito importante para uma comunicação eficiente, o que, num grupo, gera segurança e confiança, pois há entendimento entre os indivíduos.

5.2 Circuito com cadeiras na sala de aula

Em uma aula foi realizado um circuito de cadeiras com a participação organizada das crianças. Quando uma menina passou por baixo das cadeiras e as levou um pouco para a frente pois não se abaixou o suficiente, o Lucas logo levantou para segurar as cadeiras, embora surdo mostra-se muito perceptivo visualmente e também prestativo. Todos fizeram o percurso, alguns arrastaram um pouco as cadeiras ao passar por baixo e outros tiveram um pouco de dificuldade para pular dentro do bambolê. Foi uma atividade que exigiu atenção dos alunos e controle do corpo, pois tiveram que esperar a vez dos colegas, o que não é muito fácil nesta idade, já que as crianças tem muita energia e querem participar das

brincadeiras, mas é necessário aprender que muitas vezes temos que esperar a nossa vez. O Lucas sempre observa os colegas e realiza o que é pedido com empenho e alegria. Acredito que em muitos momentos não é o primeiro a fazer o que é pedido porque ainda não estamos tendo uma comunicação tão eficiente quanto deveria ser.

5.3 Estudando as características das frutas

Durante uma aula em que estudávamos as características das frutas, coloquei no centro da roda uma cesta e uma sacola de pano cheia de frutas. Os alunos não podiam ver as frutas. Eles queriam saber o que tinha ali, então tirei o jornal que envolvia o mamão e perguntei o que era e a cor, responderam e falei para colocarem a mão para sentir a se estava quente ou frio e se era liso ou áspero e depois pedi para cheirarem – um menino fez cara feia brincando e os outros riram um pouco. Mostrei aos alunos o sinal em Libras para mamão e chamei atenção do Lucas para isso, incentivei os alunos a fazerem o sinal. Coloquei o mamão na cesta e peguei outro mamão, só que pequeno e verde e coloquei dentro da cesta. Depois fui tirando as frutas da sacola e perguntado se sabiam o que era e qual a cor, também orientando-os para colocarem a mão em cada item. Também ensinei o sinal da bergamota e da carambola. Foi muito interessante que um aluno colocou a mão na carambola e disse “é por isso que o sinal é assim”, colocando os dedinhos no contorno da fruta. Após colocar abacate, batata-doce, laranja, limão, fruta do conde, maçã, chuchu, foi a vez das verduras alface, rúcula e radite. Tinha duas folhas de alface já lavadas num saquinho, tirei um pedacinho para cada aluno pegar na mão e provar, apenas uma aluna não quis pegar na mão nem provar, todos os outros comeram o seu pedacinho e algum quiseram mais, comeram a duas folhas, foi muito bom ver um querendo mais, o que incentivou os outros a comerem também. Eles se interessaram pela carambola, queriam comer. O Lucas participou da atividade, assim como os outros, interagindo e gesticulando acerca do que estávamos pegando e observando, aprendendo junto com os colegas, e os colegas ampliando o seu vocabulário em Libras, aprendendo alguns sinais.

5.4 Reconhecendo o próprio nome

O trabalho de reconhecimento do próprio nome é muito importante, por isso, geralmente utilizamos o nome para iniciação das crianças do mundo da leitura e escrita, visto que é muito significativo para cada pessoa. No primeiro dia em que trabalhei com a chamadinha pronta, no tapete, primeiramente mostrei as fotos de cada aluno e disse que do outro lado está somente o nome. Coloquei os cartões com o nome virado para cima e iniciamos a atividade. Primeiramente falei para os alunos observarem mais de perto os cartões com os nomes, mas não deveriam pegar ainda. Depois perguntei quem já sabia onde estava o seu nome – alguns alunos levantaram a mão, então um da cada vez foi procurar o próprio nome. Alguns alunos reconheceram o próprio nome, inclusive o aluno surdo. Os outros alunos foram na tentativa de acerto. O Lucas é um menino surdo, que percebe o ambiente ao seu redor com os outros sentidos, sendo muito perceptivo visualmente. Desde o início do ano ele já demonstrava interesse pelas letras e escrita do próprio nome e dos colegas, identificando desde muito cedo o próprio nome. Ele foi o primeiro aluno a reconhecer todos os nomes dos colegas.

5.5 Reconhecendo as frutas pelo tato

Numa aula foi realizada uma atividade de reconhecimento das frutas com a venda nos olhos que foi muito interessante. Antes de tapar os olhos das crianças, elas identificaram e pegaram nas mãos todas as frutas e vegetais: batata-doce, banana, limão, mamão e chuchu. Alguns alunos, com a venda nos olhos, tiveram bastante facilidade para dizer qual era a fruta e outros demoraram um pouco mais, nenhum deles tentou cheirar a fruta para descobrir qual era. O Lucas também participou da atividade, fez como os outros, pegou a fruta, sentiu, apertou um pouco e me entregou. Mais uma vez, a participação e interação com as diferenças possibilitando o aprendizado em grupo.

5.6 Dia do brinquedo

Toda segunda feira é feito o dia do brinquedo na escola, em que as crianças devem levar um brinquedo de casa. Num dos primeiro dias do brinquedo, ainda aconteceram desentendimentos, mesmo os alunos tendo emprestado e trocado os

brinquedos, mais que das outras vezes, ainda foi necessário interferir na conversa para resolver conflitos. Tem aluno que quer o brinquedo do outro e não quer emprestar o seu, ou mesmo o aluno que gostou do brinquedo do outro e só quer aquele, nem o seu quer mais, são contratempos que acontecem e precisam ser resolvidos com conversa, pois os alunos tem que aprender a emprestar, conversar, esperar e ceder, o que está acontecendo aos poucos. A relação entre as crianças e com os brinquedos não é fácil, pois cada um quer a posse do seu e até de outros brinquedos, inclusive o Lucas, que é uma criança que brinca como as outras, só que não ouve. O brincar é muito importante para o desenvolvimento das crianças, e o resolver os conflitos durante as brincadeiras também faz parte do aprendizado. As crianças aprendem as lições para a vida brincando, de acordo com Piaget,

O jogo é, portanto, sob as suas duas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, uma assimilação da real à atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu. Por isso, os métodos ativos de educação das crianças exigem todos que se forneça às crianças um material conveniente, a fim de que, jogando, elas cheguem a assimilar as realidades intelectuais que, sem isso, permanecem exteriores à inteligência infantil. (Piaget 1976, p.160).

A inclusão só acontece quando percebemos que todos os alunos são capazes de aprender e se ajudar mutuamente no aprendizado uns dos outros. Com o aluno Lucas é isso que está acontecendo, pois percebemos que apesar de a comunicação não ser muito eficiente, as crianças encontram formas de interagirem, mesmo não falando a mesma língua, se relacionam e aprendem juntas.

5.7 A inclusão nesta sala de aula

A inclusão, da forma que está acontecendo nesta turma contribui para a integração entre as crianças diferentes, pois diferentes todos somos, uns com mais diferenças, como é o caso da diferença na comunicação entre ouvintes e surdos.

O aluno surdo pode realizar praticamente todas as atividades que os alunos ouvintes, porém com algumas adaptações quando se trata de cantar e conversar. Ele possui percepção visual mais apurada que os ouvintes, tendo também memória visual muito boa, o que o deixa em vantagem em relação aos outros, neste aspecto, já que no aspecto fala e escuta ele fica prejudicado – são compensações. Ele foi um dos primeiros da turma a identificar todos os nomes escritos dos colegas. Já escreve

seu próprio nome, sendo que a maioria não faz. Concentra-se para realizar trabalhos manuais, como pintura, desenhos, recorte e colagem.

O aluno surdo estando incluído na escola regular precisa ter assegurado seu direito de aprender, pois além da interação com as demais crianças o aprendizado é fundamental. O plano de trabalho da escola deve ser flexível para atender às necessidades dos alunos. O aprendizado das crianças não deve ser padronizado, mas voltado para as necessidades de cada um.

Para atender às necessidades dos alunos é necessário que as partes envolvidas, escola e família, contribuam da forma que puderem para que ocorram aprendizagens. Será preciso também, contar com o apoio de profissionais especializados para orientação adequada.

A escrita do próprio nome não é prioridade no maternal de três anos, mas é importante trabalhar o reconhecimento do nome com as crianças e a partir do interesse das crianças podemos trabalhar também a escrita do próprio nome e também o reconhecimento dos nomes dos colegas. O Lucas foi o primeiro aluno da turma e identificar todos os nomes dos colegas, sendo que em muitos momentos ele ajudou a entregar aos colegas materiais identificados com o nome de cada um. Num certo dia, ao chegar à escola, ele escolheu como brinquedo, o giz de gesso, para desenhar no quadro, mas o que fez foi escrever o próprio nome, o que foi muito gratificante para mim como professora, já que partiu do interesse dele a essa realização.

A seguir algumas fotos do dia em que o aluno escreveu seu nome no quadro sozinho:



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprender é o que a escola deve possibilitar aos alunos, tenham eles ou não necessidades educacionais especiais. É necessário que a escola faça os devidos ajustes para ensinar a todas as crianças. A criança deve se adaptar ao ambiente da escola e ter o compromisso, juntamente com sua família, de buscar o aprendizado, mas não podemos querer que todos aprendam tudo igual. Cada ser humano é diferente. Ensinar para que todos aprendam deve ser a meta de todas as escolas. Mas nem todos aprendemos as mesmas coisas da mesma maneira. A escola deve buscar maneiras de ensinar a todos, mas não pode estar sozinha. Os professores necessitam de apoio de profissionais especializados e também da administração da escola.

O que se considerava importante para aprender até pouco tempo não é o foco principal atualmente, pois as pessoas estão percebendo que as relações sociais valem mais que determinados conhecimentos, visto que a convivência em sociedade determina a qualidade de vida das pessoas.

A inclusão deve promover a aprendizagem a partir da interação, da convivência com as diferenças, onde uns aprendem com os outros, com humildade e solidariedade, não de uma forma competitiva onde se dá mais importância para quem sabe mais, mas todos são igualmente importantes, cada um com as suas qualidades.

A verdadeira face da inclusão ainda está sendo incompreendida por muitos segmentos da sociedade e também por um grande número de professores, visto que muitos ainda sonham com turmas “perfeitas”, onde o ensinar seja uma tarefa “fácil” e sem grandes surpresas. O diferente sempre causa insegurança, mas é necessário buscar caminhos para lidar com as dificuldades que surgirem, pois é mais importante a vontade de acertar tentando, do que o medo de errar e terminar não fazendo coisa alguma. No início podemos ter dificuldades, sempre que vamos aprender algo novo passamos por situações que põem à prova nosso conhecimento, e no início é normal errarmos – o que importa é usar o que aprendemos com cada erro para construir aprendizagens mais significativas: só aprende-se a levantar quem cai.

Até pouco tempo bastava passar de ano e ter um diploma. Cada vez mais o que importa são as habilidades, a capacidade que as pessoas possuem de resolver situações que ocorrem no dia a dia.

Há muito tempo que já se fala que é necessário preparação por parte das escolas e professores para receber alunos com necessidades educacionais especiais e que querendo ou não a inclusão acontecerá e é melhor estarmos preparados. Há vários anos que ouvimos palestras sobre inclusão e preparação das escolas para receber esses alunos, mas na prática pouco mudou. Nós sabemos que é necessário formação adequada, fazemos cursos, debatemos o assunto, pensamos em alternativas para ensinar os alunos que temos e que estão tendo pouco retorno em relação ao processo ensino aprendizagem, pelo menos da forma como esperamos que os alunos aprendam. A verdade que a teoria parece andar separadamente da prática, pois sabemos que é necessário mudar, mas não sabemos como e a mudança vai ficando para o momento da necessidade. Sabemos que toda grande mudança é lenta, mas parece que a escola vai caminhando cada vez mais devagar para o sucesso da aprendizagem – não sei até que ponto a inclusão que já está acontecendo atualmente está sendo mais benéfica ou prejudicando o desenvolvimento intelectual dos alunos.

O grupo em estão inseridas as crianças influencia no processo de aprendizagens delas, pois as relações e interações existentes a partir da convivência, que articulam as ações e processos tornam as aprendizagens mais significativas. Quando uma parte do grupo, ou mesmo um indivíduo é eliminado causa desestabilidade no todo, pois a identidade como grupo é afetada e, conseqüentemente, prejudicada. A afirmação como pessoa integrante num grupo gera segurança para os indivíduos, que mutuamente se fortalecem.

O combinado entre escola e família, em que a parceria e confiança estão presentes sempre, e que as responsabilidades são divididas e o aluno com necessidades educacionais especiais será inserido num contexto de acordo com suas possibilidades, sendo necessária a adequação da escola, pois o aluno não conseguiria se adequar ao que a escola exigia até então igualmente para todos.

O aluno Lucas está inserido na turma regular, aprendeu muito até agora. A escola precisou adaptar-se, para possibilitar aprendizagens ao aluno com a limitação auditiva. Na educação infantil um dos principais objetivos é justamente a socialização, que se dá a partir da convivência. Também desenvolvemos

motricidade e expressão oral e corporal. A oralização é o único aspecto não trabalhado com um aluno surdo, em compensação os alunos ouvintes tem contato com a língua de sinais a partir da interação. A escola está se adaptando, aos poucos às necessidades dos alunos, mas ainda é necessário encontrar uma forma de trabalhar a língua de sinais fora do horário de aula, pois não há tempo para ensinar a língua de sinais, que ainda está sendo aprendida pelo aluno Lucas. A língua de sinais deve ser ensinada, assim como a língua oral é ensinada desde quando a criança começa a interagir com as pessoas. A comunicação por meio de sinais acontece antes mesmo que a comunicação oral. O aluno Lucas foi diagnosticado como surdo somente depois do primeiro ano de vida, e a família começou a aprender Libras somente perto dos três anos de idade. Ele tem os sinais como sua língua natural, mas é necessário aprender a Libras, para ter um padrão de comunicação, ser entendido pelos outros e se fazer entender.

Considero positiva a inclusão deste aluno na educação infantil, pois tanto os alunos ouvintes como o surdo estão aprendendo juntos. O aluno Lucas é muito inteligente e perceptivo visualmente, mas penso que ainda precisamos melhorar muito com ele, pois o desenvolvimento da linguagem oral é importante para os ouvintes e precisa de tempo em sala de aula, o que deixa o aluno Lucas um pouco deslocado da turma em certos momentos.

REFERÊNCIAS

PAROLIN, Isabel / Nossas crianças não podem mais esperar! (A inclusão escolar em foco). Isabel Parolin - (organizadora). São José dos Campos: Pulso Editorial, 2010.

BAPTISTA, Cláudio Roberto. Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas. Cláudio Roberto Baptista, Hugo Otto Beyer...[et al.] Porto Alegre: Mediação, 2006.

SANTANA, Ana Paula. Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolingüísticas. São Paulo: Pexus, 2007.